

*A fibra dessa mulher
inspirou a todos que a
rodeavam, mas poucos
sobreviveriam em
condições tão adversas*

Vida depois do fogo

Por JAMES GARVEY



Álbum familiar– Shirley Badke posa com o marido, Jeff, e os filhos, Christopher e Joseph, um ano antes do acidente.

AQUELA LÍMPIDA e fria manhã de janeiro começou como qualquer outra na casa dos Badkes. Shirley despediu-se do marido Jeff, que saía para o trabalho, e acompanhou o filho Christopher até o ônibus escolar. Então, depois de deixar Joseph, o caçula, na escola, seguiu para o trabalho na Southland Timber Company, localizada num edifício térreo de tijolo aparente, perto do aeroporto Bush Field, em Augusta, Geórgia.

Todos gostavam de Shirley, uma loira de olhos azuis de 36 anos. Embora ocupasse o cargo de secretária recepcionista, sua energia e entusias-

mo contagiantes a transformaram na alma da empresa. Pouco antes das 9 horas, ela estava digitando um relatório quando Dave Dodge, gerente-geral, apareceu para dizer alô antes de voltar à sua sala.

NAQUELE MOMENTO, a cerca de 25 quilômetros dali, um Cessna bimotores tentava chegar a Bush Field. O piloto tinha acabado de comunicar ao controlador de tráfego aéreo que o motor direito sofrera pane e que seria obrigado a fazer um pouso de emergência.

Minutos depois, falou novamente pelo rádio:

– Perdi o segundo motor também. Acho que não vamos conseguir.

O controlador avistou a aeronave danificada, a hélice direita imóvel e a esquerda girando fracamente. Mais uma vez se ouviu a voz do piloto no rádio:

— Por favor, reze por nós.

A menos de dois quilômetros da pista de pouso, o Cessna caiu atrás de uma fileira de árvores.

LOGO DEPOIS das 9 horas, Shirley falava ao telefone quando olhou pela porta de entrada e viu uma enorme bola de fogo vindo em sua direção. Largando o aparelho, tentou correr enquanto o Cessna se espatifava contra sua sala. As janelas se desintegraram, a parede desabou e uma onda de fogo rolou sobre ela. Dave Dodge saiu correndo e viu uma coluna de fogo espalhando-se pelo corredor. Do meio das chamas uma voz gritou:

— Alguém me ajude!

Encharcada de gasolina, Shirley estava envolta pelo fogo.

— Deite no chão e role! — gritou Dodge.

Shirley caiu. Atirando-se sobre ela, Dodge tentava apagar as chamas com as próprias mãos. Por fim, elas se extinguíram.

Outro empregado o ajudou a carregá-la até o estacionamento. As roupas e cabelo estavam queimados. Dodge tirou a camisa e cobriu Shirley com cuidado. Ela moveu os lá-

bios e ele se inclinou para ouvi-la.

— Sete... dois... dois.

Números? Ela estava delirando. Em seguida, mais quatro números.

Estava dizendo o número do telefone do marido. Queria que chamassem Jeff.

Fitando o céu, Shirley ergueu a mão para proteger os olhos. Foi então que viu que a pele das mãos havia sido consumida pelo fogo. Podia ver ossos — ossos brancos contra o céu azul.

— Jesus, por favor me acompanhe — rezou Shirley.

Shirley viu uma enorme bola de fogo vindo em sua direção, antes que o avião se espatifasse contra sua sala.

O TELEFONE TOCOU no escritório de Jeff. Um dos colegas de trabalho de sua mulher disse, com urgência:

— Houve um acidente e Shirley está ferida. Venha logo!

Quando Jeff se aproximou do prédio, uma ambulância se afastava. Então ele avistou os

destroços retorcidos e enegrecidos de uma aeronave encravados na sala de sua mulher.

E assim, em 12 de janeiro de 1995, Shirley e Jeff Badke iniciaram a mais terrível jornada de suas vidas.

VINTE ANOS ANTES, na praia, Jeff conheceu uma jovem exuberante de 16 anos que imediatamente se apaixonara por ele. Mas Jeff não correspondeu da mesma forma — afinal, ela não passava de uma criança, e ele

já estava com 19 anos. Shirley, entretanto, era persistente e, alguns anos mais tarde, Jeff mudaria de idéia. Recuperando-se em casa de um ferimento no pé, ocorrido durante o trabalho, escutou a campainha tocar. Era Shirley.

— Soube do acidente — disse ela. — Só quero que saiba que pode contar comigo.

O oferecimento transformou-se em namoro e mais tarde Jeff a pediu em casamento. Começaram com pouco dinheiro, mas ela era otimista. “O mundo é um lugar de lamentações”, costumava dizer. “É fácil ser negativo. O difícil é ser positivo. Seja sempre positivo.”

Jeff começou a trabalhar numa fábrica e galgou postos até o cargo de superintendente. Shirley conseguiu trabalho na Southland. Construíram uma casa rústica de madeira, com espaço para os dois filhos. Agora, a caminho do hospital, Jeff só tinha um pensamento: era a sua vez de dar apoio a Shirley.

NA UNIDADE de queimados do Centro Médico Regional de Augusta, todos acreditavam que a estada de Shirley seria misericordiosamente curta. Ela apresentava queimaduras de terceiro grau — o tipo mais grave — em 85% do corpo. Na Emergência, uma enfermeira com a expressão preocupada levou Jeff para ver a mulher.

— As chances dela não são boas — preveniu ela.

Jeff mal teve tempo para absorver a horrível visão do corpo queimado da mulher quando começaram a levá-la embora. Mas, ao ver o marido, Shirley sussurrou:

— Amo você, querido.

Momentos depois tudo escureceu, pois os médicos a induziram ao coma para protegê-la das dores lancinantes.

Mais tarde, naquele mesmo dia, o cirurgião, Dr. Hermann Orlet, disse a Jeff que faria tudo para salvá-la. Começaria removendo um pequeno pedaço de pele das axilas de Shirley e o enviaria ao laboratório para o cultivo de mais pele. Isso levaria várias semanas.

DAQUELE DIA em diante, Shirley permaneceu deitada em isolamento reverso, o rosto envolto em ataduras, ligada a tubos endovenosos e monitores, e com um tubo de traqueostomia conectado a um respirador. Para evitar infecções, os médicos restringiram as visitas. Todas as manhãs e noites, porém, Jeff vestia um avental cirúrgico e sentava-se ao lado da mulher, imóvel na cama como se estivesse morta.

“Não há nada que eu não possa fazer”, ela costumava dizer. Jeff agora ficava imaginando se ela seria capaz dessa simples tarefa: viver.

Todos os dias Jeff lia para Shirley pensamentos positivos retirados de um calendário e constantemente a tranquilizava, dizendo que seu mundo ainda estava em ordem. Em casa, gravava fitas, compartilhando com

ela as pequenas rotinas da vida. “Estou fazendo a barba agora, querida.” “Estou na cozinha, preparando panqueca para os meninos.” Mas não sabia se Shirley podia ouvir o que dizia.

Como não desejava que Christopher, 11 anos, e Joseph, 7, vissem a mãe naquele estado, teve uma idéia. Colocou-os diante da parede externa do quarto do hospital.

– Meninos, ponham a mão aqui – instruiu ele. – A mamãe está do outro lado. Se quiserem estar perto dela, coloquem a mão na parede.

Foi o que fizeram. Mais tarde, muitos amigos, parentes, colegas de trabalho e membros da igreja que vieram visitá-la e rezar começaram a fazer o mesmo. Com o tempo, a parede, que passou a se chamar “parede de orações”, mostrava a marca das mãos de centenas de pessoas.

Um dia Jeff gravou uma fita na qual Christopher e Joseph desejavam melhoras à mãe. No instante em que ligou o gravador no quarto de Shirley, o alarme do monitor cardíaco e do respirador soou; os indicadores, até então estáveis, dispararam.

O barulho fez Jeff saltar da cadeira. Enfermeiras apareceram correndo. Assim que perceberam o que havia provocado a reação, todos fitaram assombrados a mulher em coma na cama. Shirley ainda estava com eles.

NO PRIMEIRO MÊS em que Shirley teve de permanecer na câmara estéril, os médicos iniciaram o lento

processo de substituição da pele queimada. O Dr. Orlet enxertou centenas de pedaços de pele cultivada. No total, seriam realizadas mais de 30 cirurgias.

Certa noite, ao sair do quarto, uma enfermeira disse sem pensar:

– Boa noite, Shirley.

O alarme do respirador disparou. A enfermeira verificou que a paciente estava respirando normalmente. Seria possível que ela houvesse prendido a respiração e assim disparado o alarme?

– Shirley – disse a enfermeira –, se puder me ouvir, prenda a respiração.

O alarme soou. A enfermeira arregalou os olhos.

– Shirley, você está tentando se comunicar comigo?

O alarme disparou novamente.

A enfermeira decidiu fazer um teste. Embora as pálpebras de Shirley estivessem costuradas para auxiliar o processo de cura, o movimento dos olhos podia ser percebido. A enfermeira pediu-lhe que movesse os olhos para cima e para baixo, se quisesse dizer “sim”, e para os lados, se quisesse dizer “não”.

– Você está com frio?

Não.

– Quer que eu fique aqui?

Sim. Mas logo Shirley retornou ao estado de coma.

EM ABRIL, os médicos começaram a reduzir as doses dos medicamentos a fim de retirá-la lentamente do coma. Em 16 de abril – três meses após a queda do

avião —, as enfermeiras removeram o tubo de traqueostomia de sua garganta. Ela se agitou levemente e Jeff inclinou-se para beijá-la. Ouviu então um sussurro rouco:

— Amo você, querido.

Jeff afundou na cadeira, o coração aos pulos. Aquelas três palavras roucas eram as mais doces que já ouvira. A voz de Shirley se fortalecia a cada dia. Ela perguntou sobre os meninos e, o mais surpreendente, sobre fatos que Jeff havia contado enquanto estava em coma. De alguma forma as palavras haviam chegado até ela.

Shirley examinou seu corpo. As mãos queimadas assumiram a forma de punhos fechados, os pés enrijeceram-se apontados para baixo. A pele cultivada era tão frágil quanto um lenço de papel. Qualquer movimento causava dores agudas. Algum dia voltaria a usar as mãos? Poderia andar outra vez?

Rapidamente começou a se dedicar à reabilitação.

— Vamos começar logo com isso — disse às enfermeiras. — Preciso ir para casa e cuidar dos meus filhos.

Pouco a pouco ia recuperando o controle do corpo. A princípio as metas eram modestas — virar a cabeça, erguer a mão, esticar um dedo. O esforço a deixava exausta. Fez uma promessa: estaria em casa no feriado de Quatro de Julho.

CERTA NOITE DE MAIO, uma enfermeira escutou gemidos e uma respiração ofegante vindos do quarto de Shirley. Ao correr até lá, encontrou-a rangendo os dentes enquanto erguia seguidas vezes a perna direita, depois a esquerda, exercitando os movimentos que a levariam para casa. A pele enxertada estava em carne viva e coberta de bolhas.

— Eu não conseguia dormir — explicou Shirley. — Além disso, ficar deitada aqui não vai ajudar meus filhos em nada. Posso muito bem usar esse tempo.

E foi o que passou a fazer. Toda vez que não conseguia dormir, forçava as pernas para cima e para baixo. A notícia da perseverança inabalável de Shirley Badke circulava pelo hospital. “Destemida”, era como o Dr. Orlet se

referia a ela.

Mas à medida que Shirley recuperava as forças, todos se preocupavam com mais um obstáculo: o dia em que veria sua imagem no espelho. O rosto era uma colcha de retalhos, cheia de cicatrizes e enxertos, interrompida pelas pálpebras suturadas e pela abertura da boca. O couro cabeludo estava salpicado de feios chumaços de cabelo.

No Dia das Mães, 14 de maio, Jeff e Shirley decidiram permitir a visita dos meninos. Preocupada com o que veriam, Shirley pediu um espelho.

Jeff tocou a
fita com as vozes
dos filhos e o
monitor cardíaco
disparou.
Shirley ainda
estava com eles.



FOTOGRAFADO POR ANN STATES

Mulher de fibra— Shirley Badke, aqui com Dave Dodge, é um modelo para outras vítimas de queimaduras no abrigo que leva seu nome.

Espreitando através dos pontos que ainda cerravam suas pálpebras, examinou os estragos.

— Não está tão ruim quanto imaginei — disse, por fim.

Pediu que a colocassem numa cadeira para que os garotos pudessem vê-la ereta e aproximar-se dela.

Quando os filhos entraram no quarto, começaram a chorar de alegria por revê-la.

Todos os dias Shirley enfrentava dores insuportáveis enquanto lutava para relaxar as articulações enrijecidas. Exercitava-se até a pele sangrar. Mesmo assim, no fim de junho, teve de confrontar-se com a triste realidade. Não estaria em casa no feriado de Quatro de Julho.

Aquele Dia da Independência, ao contrário dos anteriores, foi muito melancólico para Shirley. Afundada numa cadeira de rodas na clínica de reabilitação, observava os fogos de artifício através de lágrimas amargas. Então se lembrou da citação do calendário de Jeff para aquele dia: “O amor é paciente. Sempre tem esperança, sempre persevera.”

— O amor sempre tem esperança — repetiu ela. Não podia desistir.

Mais um mês se passou na rotina de enxertos de pele e terapia. Em agosto, o pessoal do hospital viu com espanto Shirley mover-se lenta e desajeitadamente pelo corredor.

— Podem recolher do chão os queixos caídos — disse ela, alegremente. — Sou eu mesma, e estou andando.

Finalmente, em 25 de agosto de 1995 – 225 dias após o acidente – Shirley voltou para casa. Amigos haviam enfeitado as árvores com fitas amarelas e espalhado flores da mesma cor por toda parte. Com cuidado, Jeff a ajudou a entrar em casa.

Onze meses depois, em julho de 1996, Shirley Badke tornou a pisar numa rua de Augusta. Estendeu as mãos nodosas para a tocha olímpica que um corredor passava para ela. A tocha estava cruzando o país rumo aos Jogos de Atlanta.

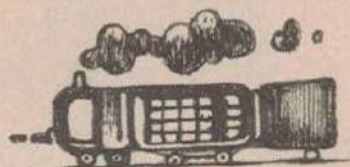
Com gritos de “Vai, Shirley, vai!” ressoando por toda parte e com Jeff a seu lado, ela caminhou dois quarteirões carregando a chama olímpica e depois, abrindo um largo sorris-

so, passou-a adiante. Perseverante, Shirley de fato estava de volta.

Hoje Shirley Badke vive seu papel de mãe e esposa da maneira mais normal possível. Terá de se submeter a novas cirurgias e continuar a reabilitação. Mas Shirley aceita bem a situação. Não é o tipo de pessoa que perde tempo pensando no que poderia ter sido. “É preciso jogar com as cartas que se recebe e seguir adiante”, diz ela.

Em agosto de 1998, para abrigar famílias de vítimas, uma fundação do corpo de bombeiros dedicada à assistência de vítimas de queimaduras, em Augusta, inaugurou uma residência para dez hóspedes com o nome de Abrigo para Queimados Shirley Badke.

HISTÓRIAS DE CELULARES



Durante uma viagem de trem, a conversa constante dos passageiros nos celulares levou a atriz Maureen Lipman a pedir:

– Vocês todos, queiram fazer o favor de se calar. Estou tentando viajar.

– Newcastle Evening Chronicle

O comediante Eddie Izzard pegou o celular de um espectador quando o aparelho tocou durante seu programa. Conversou com o sujeito do outro lado, que disse estar atrasado para ver o programa.

– Não se preocupe – disse Izzard. – Você já está nele.

– The Herald Glasgow, Escócia

Um homem telefonou para o hospital:

– Como está o Sr. Thompson, na Enfermaria H? – perguntou à enfermeira que atendeu.

– Os exames dele foram bons – disse ela. – Quem está falando?

– É o Sr. Thompson, de seu celular na Enfermaria H – revelou o homem. – Aqui ninguém conta nada para a gente.

– ROY BERRY, Grã-Bretanha